

FU-KIAU, Kimbwandènde Kia Bunseki. **O livro africano sem título**: cosmologia dos Bantu-Kongo. Tradução e nota à edição brasileira: Tiganá Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024. 208p.

Hertz Wendell de Camargo¹

¹Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

1 Uma Peça Fundamental no Mosaico das Brasilidades: o livro africano sem título, de Bunseki Fu-Kiau

Antes de apresentar o conteúdo dessa obra, importa-nos saber que ela reflete uma relevante contribuição para as movimentações no jogo epistêmico-científico do que compreendo como “humanidades” – essa complexa encruzilhada de ciências que envolvem sentidos, artes, mitos, políticas, imagens, linguagens, comportamentos, diálogos e atravessamentos socioculturais, especialmente relacionados ao Brasil. As humanidades são um mosaico no qual a decolonialidade posiciona peças-chave para a compreensão não apenas da formação das brasilidades, mas, ao estender suas raízes até as ciências de origens africanas, ajuda a compreender o urgente e sensível olhar tão necessário sobre a jornada humana e sua relação com diferentes imaginários.

2 Sobre o Tradutor e o Autor

Lançado no primeiro semestre de 2024 sob o título “*O livro africano sem título: cosmologia dos Bantu-Kongo*”, a obra foi escrita pelo antropólogo congolês Kimbwandènde Kia Bunseki Fu-Kiau e traduzida por Tiganá Santana Neves Santos, doutor em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde 2020. A tradução do livro compõe a centralidade da tese “*A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*”, defendida por Tiganá Santana em 2019, que recebeu o Prêmio Antônio Cândido de melhor tese pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll).

Uma das orelhas do livro informa que Fu-Kiau nasceu em 1934 em Manianga, no antigo Zaire, atual República Democrática do Congo, e foi educado tanto no sistema de pensamento africano quanto no ocidental, inclusive, passando por três grandes instituições educacionais *bantu-kongo*: Khimba, Kimpasi e Lèmba. Já no fim dos anos 1950, foi professor

Recebido em: 12/08/2024

Aceito em: 10/02/2025



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

na capital Kinshasa. Em 1963, fundou em Manianga, o Instituto Luyalungunu Lwa Kumba-Nsi, centro educacional pioneiro dedicado a pesquisar e a documentar a cultura congoleza, influenciando estudiosos ocidentais, como Robert Farris Thompson, John Michael Janzen e Wyatt MacGaffey. Fu-Kiau lecionou por vários anos nos EUA, onde deu continuidade à sua investigação e se aprofundou na filosofia africana. Foi professor visitante na Tufts University, localizada na cidade Medford, no estado de Massachusetts, local em que ministrou cursos no Departamento de Antropologia e Sociologia. Ele também atuou como diretor da biblioteca na Suffolk County House of Correction, em Boston.

3 A Jornada do Livro

O título da edição brasileira é uma referência direta ao título escolhido para a primeira edição de 1980, *“The African Book Without a Title”* [O livro africano sem título]. Na segunda edição do livro, em 2001, Fu-Kiau optou pelo título *“African Cosmology of the Bantu-Kongo, Principles of Life e Living”* [Cosmologia africana dos Bantu-Kongo, princípios de vida e vivência]. Portanto, a edição brasileira aproxima os dois títulos anteriores, pois, conforme apontam seus editores, os títulos se complementam. Nas primeiras páginas, o livro apresenta notas dos editores seguidas de notas sobre a tradução brasileira. O texto introdutório de Fu-Kiau, publicado na primeira edição, e as notas sobre a segunda edição marcam o início da tradução da obra de 2001. É interessante destacar que, em uma de suas orelhas, o livro recebeu uma apresentação/resenha do professor doutor Wanderson Flor do Nascimento, que leciona Filosofias Africanas na Universidade de Brasília.

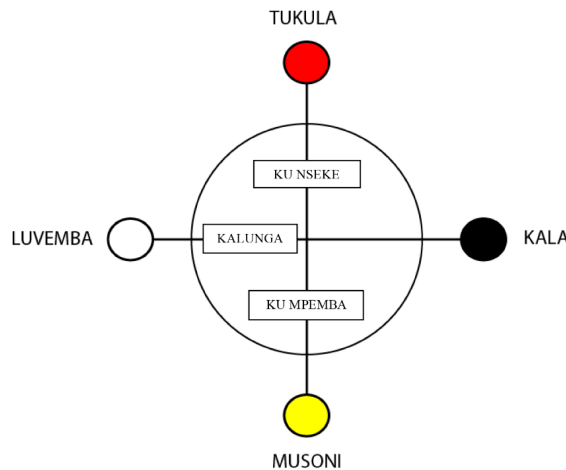
Um detalhe importante é a presença da palavra *bantu* no título da edição. Atualmente, a partir do tronco linguístico banto, os grupos étnicos africanos que ocupam uma vasta região da África – do Sudeste da Nigéria até a África do Sul – são identificados como *bantos*, lembrando que o termo é uma identificação criada a partir de um olhar europeu. Em quimbundo, palavra *muntu* significa pessoa e *bantu* é seu plural, significando pessoas ou povo. No caso da tradução, a expressão *bantu-kongo* poderia ser adaptada para “povo do Congo”, porém, manter a grafia original preservou os conceitos de Fu-Kiau ao mesmo tempo que dialoga com a decolonialidade proposta pela obra e, ainda, revela a sensibilidade do tradutor. Outra palavra que surge no livro é *bakongo*, cujo prefixo *ba* representa o plural, desse modo, a palavra significa o plural de *kongo*, outra expressão para “povo kongo”.

Depois dos textos preambulares, o livro possui quatro capítulos intitulados: 1) *Cosmologia Kongo em Gráficos*; 2) *Conceito africano de lei e crime*; 3) *Antecedentes históricos da zona cultural Kongo*; e 4) *O “V”: base de todas as realidades*. O livro ainda traz como apêndice textos que mesclam provérbios e poesia, escritos por Fu-Kiau, que revelam as sutilezas poéticas da cultura congoleza.

Como anexo, encontramos a breve entrevista com Makota Zimewanga (1943-2019), como era conhecida Valdina de Oliveira Pinto, educadora, líder comunitária e religiosa, militante da liberdade religiosa e porta-voz das religiões de matriz africana, dos direitos das mulheres e das populações negras. Makota foi tradutora do artigo *“A visão da sacralidade bantu-kongo da sacralidade do mundo natural”*, uma contribuição incontornável para a divulgação de Fu-Kiau no Brasil entre os estudiosos do candomblé e das filosofias africanas. A entrevista foi realizada em 2018 para a tese de doutorado de Tiganá Santana.

4 Pontos Centrais de Cada Capítulo

No primeiro capítulo – *Cosmologia Kongo em Gráficos* – o autor nos apresenta a ideia central da obra, detalhando o *Dikenga dia Kongo* [Cosmograma Kongo, Figura 1]. Trata-se de uma imagem gráfica da cosmologia do povo Kongo. O símbolo é uma representação simplificada da complexidade imaginal dos *bakongo*, revelando a organização da vida, o ciclo das existências e a interconexão entre o mundo físico e o espiritual naquela cultura. No geral, o *Dikenga dia Kongo* é estruturado como um círculo com uma cruz que o atravessa, dividindo-o em quatro quadrantes. A linha horizontal tem o nome de *Kalunga*, e divide o mundo físico [*Ku Nseke*] do mundo espiritual [*Ku Mpemba*]. A linha horizontal está associada ao *estar* no mundo, enquanto a vertical é o *ser* no mundo e também a conexão entre o mundo dos vivos e o mundo dos ancestrais. Os dois mundos, o físico e o espiritual, são espelhados nesse gráfico. Para cada ponta da cruz existe a representação de um sol em movimento anti-horário simbolizando, ao mesmo tempo, o próprio astro celeste e a jornada humana em seu ciclo vida, mas também é o símbolo do tempo das horas, dias, meses e anos, o tempo da comunidade, da humanidade, da vida no planeta e do universo, tudo interconectado. Cada etapa tem um nome, um significado e uma cor correspondente. O primeiro sol é *Musoni*, da cor amarela, que representa a criação, e se encontra no ponto mais alto do mundo espiritual (equivalente ao ponto cardeal Sul), em movimento anti-horário, ele segue para o ponto cardeal Leste. Nessa posição, o segundo sol se chama *Kala*, é da cor preta, que é a cor do vazio, do devir, e a entrada no mundo real, o nascimento. O sol continua evoluindo, agora em direção ao equivalente ao ponto Norte do cosmograma, chamado de *Tukula*, da cor vermelha, que significa a energia da vida e está posicionada no ponto em que essa fase representa a mais produtiva e criativa da vivência humana. Em seguida, o quarto ponto (Oeste) representa o pôr do sol, chamado de *Luvemba*, nessa fase, o sol é branco porque representa os ossos, o envelhecimento e a morte. Ao se pôr, o sol segue em direção ao mundo espiritual para recomençar em *Musoni* e um dia renascer como *Kala*, eternamente nesse ciclo/espiral, o movimento ininterrupto das mudanças, do “renascer ou re-re... nascer” (Fu-Kiau, 2024, p. 52). Portanto, o *Dikenga dia Kongo* é mais do que uma simples representação gráfica; é uma ferramenta de compreensão e de meditação sobre o ciclo da vida e o papel do ser humano no universo. Ele ensina que a vida é um ciclo contínuo de nascimento, crescimento, maturidade, morte e renascimento.

Figura 1 – Cosmograma Kongo (*Dikenga dia Kongo*) estruturado a partir de Fu-Kiau (2001)

Fonte: Camargo (2023, p. 146)

No segundo capítulo – *Conceito africano de lei e crime* – o autor demonstra como a cosmologia dos *bakongo* pode ser aplicada a questões práticas de ética, direito e justiça. A lei não é meramente um conjunto de regras impostas externamente, mas uma manifestação dos princípios naturais que governam o universo. Esses princípios estão conectados à ideia de Nzambi, conceito que representa a verdade, a ordem, a harmonia e a justiça universal. A lei é, portanto, uma extensão desses princípios universais, sendo algo que deve ser vivido e respeitado para manter o equilíbrio da comunidade. O crime, segundo Fu-Kiau, é visto como uma ruptura na harmonia universal e quando alguém comete um crime, não está apenas infringindo uma regra, mas causando uma dissonância que afeta todos os níveis da existência – pessoal, comunitário e espiritual. O crime é uma perturbação que deve ser corrigida para restaurar a ordem e a paz, porém, diferente das abordagens punitivas que predominam em muitas sociedades ocidentais, a justiça na visão *bantu-kongo* é restaurativa. O objetivo principal não é punir o infrator, mas restaurar a harmonia. Isso pode envolver processos de reconciliação, onde a comunidade e o ofensor trabalham juntos para curar as feridas causadas pela infração. Ritualisticamente, isso pode incluir compensações, pedidos de desculpa ou ritos espirituais para apaziguar as forças perturbadas. Fu-Kiau enfatiza que, na cosmologia *bantu-kongo*, a lei e a espiritualidade são inseparáveis, assim, a violação da lei não é apenas uma questão social, mas também espiritual, uma vez que o crime interfere no equilíbrio entre os seres humanos, os ancestrais e as forças naturais. A justiça, deste modo, é uma responsabilidade coletiva que envolve tanto os vivos quanto os mortos, reconhecendo a interconexão de todas as formas de vida e de todos os sujeitos da sociedade.

No terceiro capítulo – *Antecedentes históricos da zona cultural Kongo* – Fu-Kiau explora a rica herança cultural e histórica da região do Kongo, destacando a importância das tradições orais e dos valores comunitários que foram transmitidos ao longo das gerações, enfatizando a profunda conexão entre os *bakongo* e suas práticas culturais, espirituais e sociais. Os provérbios são um aspecto central dessa transmissão cultural, sendo usados para educar, orientar e preservar a sabedoria ancestral da comunidade. Segundo Fu-Kiau, como literatura oral, os provérbios desempenham um papel fundamental na comunicação e no entendimento coletivo, encapsulando ensinamentos e verdades profundas de forma concisa e memorável. Eles servem como guias para o comportamento individual e comunitário,

refletindo os valores, crenças e normas que sustentam a vida na comunidade. Além disso, o autor menciona que os provérbios são usados em diferentes contextos como em rituais, reuniões comunitárias e processos de resolução de conflitos, reforçando a coesão social e o senso de identidade entre os membros da comunidade. Eles não apenas refletem a sabedoria ancestral, mas também são adaptados e reinterpretados conforme as necessidades contemporâneas, demonstrando a vitalidade e a relevância contínua dessa prática cultural.

E, por último, o quarto capítulo – *O “V”: base de todas as realidades* – o autor usa o “V” como uma metáfora poderosa para descrever a interconexão de todas as realidades na cosmologia dos *bakongo*. Ele sugere que o “V” como a base do entendimento da natureza e da existência, pois representa o ponto de convergência entre o físico e o espiritual, o visível e o invisível. São encontrados no cosmograma pelo menos quatro diferentes vês, cujos vértices se encontram no ponto neutro do cosmograma – o ponto de contato entre as linhas vertical e horizontal – que representa o encontro e equilíbrio entre o mundo real e o espiritual. Esse “V” pode ser encontrado nas plantas, árvores, montanhas, no corpo e nas padronagens têxteis africanas, também nas invenções humanas que servem ao deslocamento no espaço. Essa ideia se conecta diretamente com o *Dikenga dia Kongo*, onde o centro do cosmograma serve como o ponto de equilíbrio entre os diferentes aspectos da vida. O “V” e o cosmograma, portanto, são símbolos complementares que juntos oferecem uma visão profunda sobre os ciclos da vida e a interconexão de todas as coisas no universo segundo a filosofia *bantu-kongo*.

5 Algumas Considerações

De forma geral, o livro mistura de ensinamentos filosóficos, espirituais e culturais e valoriza a cosmovisão *bantu-kongo*, como a importância do ciclo da vida, a interconexão entre os seres humanos, a natureza e o universo, e a ideia de que o conhecimento é algo que deve ser constantemente transmitido e renovado. O autor também discute o conceito de *muntu* que vai além da noção ocidental de ser humano e abrange a totalidade da existência, integrando o físico, o espiritual e o social.

Podemos considerar que *“O livro africano sem título: cosmologia dos Bantu-Kongo”* não é apenas uma obra acadêmica, mas um tipo de manifesto cultural, pois Fu-Kiau desafia os leitores a reconsiderarem suas percepções sobre a África e as ciências africanas, propondo uma visão mais holística e integrada do conhecimento. Certamente, a obra contribui para reverter a narrativa que historicamente desvalorizou as tradições africanas. Além de seu valor acadêmico, o livro tem uma relevância prática, porque busca inspirar os africanos e a diáspora a reconectar-se com suas raízes culturais e espirituais, usando essa sabedoria para enfrentar os desafios contemporâneos.



Capa da edição brasileira com referência ao *Dikenga dia Kongo*

Disponível no *site* da Editora Cobogó (2024)

Por fim, até o número e a organização dos capítulos sugerem um diálogo com o *Dikenga dia Kongo*. Tudo reflete a linguagem poética de Fu-Kiau, carregada de simbolismos e traçando as complexidades que ele apresenta, oferecendo uma janela para o universo *bantu-kongo*, convidando os leitores a pensarem sobre suas próprias culturas e sobre como o conhecimento milenar pode ser um caminho para a transformação pessoal e coletiva.

Referências

CAMARGO, Hertz Wendell de. *Dikenga Dia Kongo*, ancestralidades da umbanda em Curitiba. **Revista Patrimônio e Memória**, Assis, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 136-164, jan.-jun. 2023.

FU-KIAU, Kimbwandênde Kia Bunseki. **O livro africano sem título**: cosmologia dos Bantu-Kongo. Tradução e nota à edição brasileira: Tiganá Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

FU-KIAU, Kimbwandênde Kia Bunseki. **African Cosmology of the BantuKongo**: principles of life & living. Brooklyn: Athelia Henrietta Press, 2001.

SANTOS, Tiganá Santa Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. 233f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Tradução, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Hertz Wendell de Camargo

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, com estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná e do curso de Publicidade e Propaganda da mesma universidade.

Endereço profissional: Rua Bom Jesus, n. 650, Juvevê, Curitiba, PR. CEP: 80035-010.

E-mail: hertz@ufpr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4639-0553>

Como referenciar esta resenha:

CAMARGO, Hertz Wendell de. Resenha da obra: *O livro africano sem título: cosmologia dos Bantu-Kongo*. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e101948, p. 127-132, maio de 2025.